



CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISES DAS RELAÇÕES CARCERÁRIAS A PARTIR DO MODELO TEÓRICO ESTABELECIDOS/OUTSIDERS DE NORBERT ELIAS.

Felipe P. Ferreira¹

Lorenzo Tomazelli Lança²

André Filipe P. R. Santos³

DOI: <http://doi.org/10.4322/cs.2018.1.07>

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos do modelo das figurações estabelecidos/outsiders de Norbert Elias, demonstrando a sua aptidão para uma análise microscópica do sistema prisional. Trata-se de apontar uma alternativa teórico-metodológica que sirva de complemento às macroanálises de tradição marxista, empreendidas sob o marco teórico da criminologia crítica, sobre a questão do encarceramento em massa. Por meio de uma transição do macro ao micro, o arsenal de categorias da sociologia figuracional e do modelo teórico estabelecidos/outsiders proporciona um olhar mais próximo do objeto, viabilizando uma investigação mais minuciosa das relações carcerárias. Ao focalizar as teias de inter-relações e a rede de interdependências que os indivíduos encarcerados formam entre si, a abordagem eliasiana permite captar a sociodinâmica das figurações carcerárias, desvendando como se estruturam as relações de poder no interior dos presídios, como vai se desenhando o equilíbrio móvel das tensões, quais os novos padrões de socialização que emergem no interior das prisões e como se constituem e se organizam as formações coletivas nessa lógica relacional específica. No capítulo final do artigo, serão propostas algumas reflexões eliasianas sobre o cárcere a partir do cinema, indicando hipóteses potencialmente analisáveis pelo modelo teórico das figurações estabelecidos/outsiders.

Palavras-chave: Sociologia figuracional; estabelecidos e outsiders; relações carcerárias.

CONTRIBUTIONS TO THE ANALYSIS OF PRISON FIGURES BASED ON NORBERT ELIAS' ESTABLISHED/OUTSIDER RELATIONSHIPS.

ABSTRACT

This article presents the theoretical and methodological assumptions of the established and outsiders figurations model of Norbert Elias, demonstrating the capacity for a microscopical analysis of the prison system. The goal is to create a theoretical and methodological alternative that complements the Marxist tradition of macroanalysis on the issue of mass incarceration, undertaken from the theoretical framework of critical criminology. Through a transition from the macroanalysis to the microanalysis, the arsenal of categories of figurational sociology and established/outsiders theoretical model provides a closer look at the object and enables an investigation more accurate of the prison relations. By focusing on the webs of interrelations and interdependencies that prisoners make each other, the eliasian approach captures the sociodynamic of prison figurations, revealing how power relations are structured inside the prisons, how the power balance takes shape, what are the new socialization patterns that emerge inside the prisons and how the collective formations in this relational logic constitute and organize itself. In the final part of the article, are proposed some eliasians reflexions about the prison based on cinema, indicating testable hypotheses through the theoretical-methodological model of established/outsiders figurations.

Keywords: Figurational sociology; established and outsiders; prison.

Como citar/How to cite: FERREIRA, F. P.; LANÇA, L. T.; SANTOS, A. F. P. R. CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISES DAS RELAÇÕES CARCERÁRIAS A PARTIR DO MODELO TEÓRICO ESTABELECIDOS/OUTSIDERS DE NORBERT ELIAS. *Crítica Social*. [Internet]. 2018, v. 1. Disponível em: <https://criticasocial.org/article/5d0ebb580e8825cd16a20608>

Apoio financeiro/Financial Support: Nenhum/None.

Conflitos de interesses/Conflict of interest: Nenhum/None.

E-mail: afprsantos@gmail.com

Submetido/Submitted: 19 Ago 2018.

Aprovado/Accepted: 1 Nov 2018.

Publicado/Published: 12 dez 2018.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

¹ Advogado.

² Advogado e membro do Grupo de Pesquisa Direito, Sociedade e Cultura.

³ Sociólogo, professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais da Faculdade de Direito de Vitória (FDV) e líder do Grupo de Pesquisa Direito, Sociedade e Cultura.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escalada punitivista e o aumento espetacular da população carcerária em vários países ao longo das últimas décadas têm multiplicado as tentativas de explicação do fenômeno do encarceramento em massa. Tratando-se de uma questão de alta complexidade, o seu estudo pode ser feito em variadas dimensões e a partir de diversas matrizes teóricas. Diante da profusão de análises empreendidas sobre a questão carcerária, surge o desafio de captar as contribuições de cada uma e de verificar as possibilidades de junção/complementação desses diferentes olhares, potencializando assim as capacidades teórico-analíticas.

Aos modelos teóricos de tradição marxista coube o mérito de desvelar os mecanismos ocultos de funcionamento do sistema penal e de trazer à luz as reais funções por ele desempenhadas nas sociedades capitalistas. Ao desmascarar os discursos ideológicos relacionados às funções da pena (pacificação social, prevenção do crime, ressocialização) e demarcar a racionalidade de classe que orienta o sistema de justiça criminal, tais modelos permitiram a constatação de suas reais finalidades: punir os pobres, corrigir as disfunções sociais do capitalismo por meio do direito penal e, em última análise, conservar as estruturas fundamentais da ordem burguesa.

Entretanto, ao passo em que elucidam todas essas questões fundamentais concernentes ao cárcere e ao sistema penal, os modelos marxistas têm suas limitações analíticas. As abordagens ancoradas nos fundamentos do materialismo histórico são dotadas de um notável potencial analítico de longo alcance, mas são insuficientes para a investigação de objetos situados em uma perspectiva microscópica.

Se a visão panorâmica marxista permitiu investigar fenômenos mais amplos (superlotação dos presídios, seletividade penal, efeitos deletérios da hipertrofia do Estado Penal), esta teoria esgota suas possibilidades ao chegar “às portas dos presídios”, após identificar, sob a ótica de macroprocessos socioeconômicos, seus números, seus perfis de clientela e suas funcionalidades no interior das sociedades capitalistas.

Diante da complexidade da problemática do encarceramento em massa e de suas repercussões sociais, essa visão macroscópica, embora dotada de inegável importância teórica, não é suficiente para apreender todos os aspectos relevantes acerca do que acontece no interior do cárcere. É preciso adentrar os presídios e compreender como se estruturam as relações de poder em seu interior, quais são as formas de organização da população carcerária, quais os novos padrões de socialização que emergem no interior das prisões e como se formam os grupos nessa lógica relacional específica. Em uma palavra, é preciso compreender a sociodinâmica que opera dentro das prisões, objeto que se localiza além das possibilidades analíticas dos modelos teóricos marxistas por uma questão de enfoque.

O objetivo desse artigo, portanto, é estabelecer uma alternativa teórico-metodológica que permita uma mudança de perspectiva, um refinamento do olhar lançado sobre a problemática do encarceramento, para saltar de uma macroanálise econômica que orienta a lógica do aprisionamento em massa até uma microanálise social das relações travadas no interior do cárcere. O propósito desse texto não é romper com o diagnóstico das análises

marxistas, e sim tomá-lo como suposto fundamental para, após delimitar as suas possibilidades teóricas, indicar metodologicamente a viabilidade de um ajuste da perspectiva analítica até uma dimensão microscópica das relações de poder constituídas no interior dos estabelecimentos prisionais. Essa nova abordagem abarca tanto as relações estabelecidas pelos detentos entre si como também aquelas constituídas entre a população carcerária e outros agentes sociais de dentro e de fora dos presídios (familiares, instituições religiosas, autoridades estatais, facções criminosas, etc.).

Para essa abordagem, utilizaremos a sociologia figuracional de Norbert Elias, que, ao analisar os indivíduos em suas interdependências funcionais na rede de inter-relações constituída no interior de uma figuração social, permite compreender com maior precisão como se estabelecem as ligações entre esses indivíduos e captar as tensões que se manifestam em suas relações. Trabalharemos, mais especificamente, com o modelo teórico das figurações que Elias designou como “estabelecidos/*outsiders*”, tentando esclarecer seus traços constitutivos fundamentais e a sociodinâmica que opera no interior desse tipo específico de figuração social. Pretendemos mostrar como esse modelo teórico-metodológico, ao tomar a prisão como um espaço de interdependências funcionais, pode ser útil para análise das relações carcerárias.

No primeiro capítulo deste artigo, abordaremos os fundamentos teóricos da sociologia figuracional de Norbert Elias. O objetivo do capítulo é esclarecer os principais conceitos utilizados pelo autor e elucidar os pressupostos teóricos e metodológicos que dão base ao modelo das figurações estabelecidos/*outsiders*. Em seguida, no segundo capítulo, teceremos algumas considerações de natureza metodológica com base na teoria de Norbert Elias, indicando como deve ser realizada uma investigação sociológica a partir do marco teórico eliasiano. Para isso, explicaremos como se dá a articulação entre figuração social e processo histórico no pensamento do autor e enumeraremos algumas advertências metodológicas para análises realizadas em perspectiva microscópica, como a que propomos neste artigo. Por fim, no último capítulo, desenvolveremos algumas reflexões sobre o cárcere a partir do cinema, tendo como base a sociologia figuracional e o modelo teórico estabelecidos/*outsiders*. Por meio da análise de sete filmes sobre a temática do cárcere, pretendemos indicar algumas possibilidades de aplicação do modelo teórico eliasiano para o estudo das formas organizacionais e relacionais constituídas no interior do sistema prisional.

1 A SOCIOLOGIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS: a sociodinâmica das relações estabelecidos e *outsiders*.

Um dos diferenciais da sociologia de Norbert Elias é a valorização constante da história. Sociologia e história não podem ser disciplinas estanques, desarticuladas. Na abordagem eliasiana, a história não é um mero pano de fundo para a ação humana. Sua obra é permeada pela constante preocupação de inter-relacionar ação e estrutura, de demonstrar que esses dois paradigmas clássicos da sociologia não podem ser trabalhados separadamente, como se independentes um do outro. Para Elias, é historicamente, em meio aos processos sociais, que se produzem as figurações sociais humanas, havendo certa

autonomia entre as figurações sociais e os indivíduos, mas nunca independência entre eles.

A sociedade para Elias é um conjunto de indivíduos interdependentes, mostrando que os indivíduos estão ligados uns aos outros por teias de inter-relações, desempenhando funções⁴ diferenciadas. Nas palavras do autor:

Cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e de certo não menos fortes. É essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos sociedade. (Elias, 1994, p. 23)

A partir dessas noções, Elias foge das possibilidades de pensar uma sociedade de estruturas, sem atores sociais históricos, ou de supor uma sociedade unicamente como produto de interesses individuais, como se a sociedade fosse um pano de fundo das escolhas individuais. Indivíduo e sociedade não são categorias substancialmente distintas. Ao contrário, estão em permanente interlocução e devem ser pensadas conjuntamente. As estruturas e formações coletivas, por um lado, só existem como resultado de uma rede de ações e relações estabelecidas por indivíduos interdependentes. Os indivíduos, de outro, não podem ser pensados em termos de uma autonomia absoluta, pois suas ações e relações sempre se projetam no interior das figurações, formações coletivas em que se materializam os vínculos mútuos e as repercussões recíprocas de cada movimento realizado por esses agentes conectados por um nexo de interdependência. Em síntese, na sociologia figuracional de Elias, os níveis individual e estrutural operam simultaneamente, podendo ser pensados como diferentes planos, permanentemente interconectados e interdependentes, mas não antagônicos⁵ (QUINTANEIRO, 2010, p. 52).

⁴ Para fins de esclarecimento terminológico, fazemos aqui a advertência de que a noção de “funções” para Elias em nada se aproxima da perspectiva funcionalista, em que diferentes partes se associam e contribuem para o bom funcionamento do todo. Elias recusava a interpretação da sociedade como a união de uma série de partes integradas numa dinâmica funcional, isto é, como uma máquina em que todas as partes encaixam-se harmoniosamente e funcionam em perfeita sincronia, como pretende a noção de “sistema social” de Talcott Parsons. Ao contrário, Elias via os indivíduos em conflitos constantes e concebia a vida social como um palco de ferrenhas disputas por poder. Nesse sentido, como será explicado mais a frente, na perspectiva eliasiana, a ideia de função designa uma relação de poder e a divisão da sociedade em diferentes funções tem como efeito a multiplicação dos focos de competição por poder.

⁵ “Essencialmente, Elias trabalha com padrões de interdependência em processos de mudança, rearticulando relações de poder entre os indivíduos em sociedade. Essas interdependências se estabelecem, portanto, em sociedade, nunca bipolarizando a relação sociedade – indivíduo. A Sociologia refere-se, então, a pessoas vivendo em

A sociedade apresentada por Elias é histórica e complexa. A complexidade se manifesta principalmente na distribuição das funções sociais. E função para ele não é a realização de algo para a manutenção de um todo, mas uma relação de poder (ELIAS, 2005, p. 84). A divisão de funções gera competição por poder. Deste modo, a sociedade aparece como um conjunto de indivíduos em luta por poder⁶, o que aumenta a interdependência. Elias rechaça concepções que atribuem à sociedade um equilíbrio imanente, tomando-a como um sistema ordenado e constituído por uma essência harmônica e metafísica. Ele acentua as lutas por poder que os indivíduos travam nos variados espaços do mundo social, reconhecendo a conflituosidade como uma dimensão constitutiva da sociedade.

A noção de figuração social⁷ se refere a uma “situação concreta de interdependência”, a um sistema dinâmico de interações localizado historicamente em que os indivíduos articulam-se de maneira interdependente e estabelecem entre si uma pluralidade de inter-relações (HEINICH, 2001, p. 122). Esse conceito eliasiano é extremamente

interdependência nas mais variadas formas. Justamente a constituição destas figurações, nas quais se estabelecem múltiplas interdependências, modelam e envolvem o viver em sociedade” (GEBARA, 2005, p. 18-19).

⁶ No livro *A Sociedade de Corte*, Elias (2001b) exemplifica esta ideia de competição por poder ao indicar como a maior ou menor distância dos cortesãos para com o rei, caracterizava respectivamente um menor ou maior poder dentro da Corte, e como o uso dessa distância servia de instrumento para manutenção das estruturas de poder. Neste aspecto, Elias mostra que a etiqueta surge como um instrumento de identidade social na Corte, fazendo com que as pessoas se hierarquizem por critérios de poder. Na sociedade de corte havia uma tensão e um conflito constante por uma aproximação do rei: a competição passa pela aceitação da etiqueta pelos cortesãos e pelo rei, que não está acima dela, uma vez que ele também faz parte da rede de interdependências da figuração.

⁷ Dentre os muitos paralelos possíveis entre as obras de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, o diálogo entre os conceitos de figuração social e de campo parece-nos um dos principais. Ambas as categorias denotam espaços sociais relacionais no interior dos quais os indivíduos estabelecem lutas por poder. As figurações sociais de Elias são mais flexíveis e abarcam uma multiplicidade de formas possíveis: podem ser formadas por apenas dois ou por milhões de indivíduos, podem ter regras explícitas ou não, podem ter apenas um nível de integração ou uma variedade deles. Bourdieu (2013, p.119), por outro lado, utiliza o conceito de campo com propriedades constitutivas mais rígidas e bem definidas, embora não menos férteis do ponto de vista analítico. Para se falar em campo é necessário haver uma autonomia relativa desse espaço social em relação a outros, ele deve ter uma projeção social considerável, há consensos claros em relação aos troféus (capitais específicos) disputados e às regras do jogo. Apesar dessas diferenças, é comum a ambos os autores pensar espaços sociais nos quais indivíduos inter-relacionados disputam posições, o que torna possível a aproximação dos conceitos de figuração social e de campo.

versátil, porque permite tomar como figuração desde a sociedade em sentido lato até uma partida de futebol ou o próprio cárcere, analisando-os no entrelaçamento das mais variadas dimensões que atravessam o objeto⁸. Em síntese, deve-se entender por figuração social um espaço relacional estruturado sobre um equilíbrio móvel e dinâmico de tensões, povoado por indivíduos interconectados e mutuamente orientados, no interior do qual as ações de cada um repercutem reciprocamente na esfera dos demais em razão do vínculo de interdependência funcional que os une.

Uma grande contribuição da sociologia de Elias foi a elaboração de um modelo teórico-metodológico para análises de relações entre grupos, dentro daquilo que ele chamou de “figurações estabelecidos/*outsiders*”. As figurações desse tipo caracterizam-se pela intensa desigualdade nas formas de distribuição e apropriação das oportunidades de poder. As relações de poder próprias dessa modalidade figuracional se manifestam na forma de uma hierarquização dos grupos interdependentes em superiores/inferiores, dominadores/dominados ou, segundo a terminologia eliasiana, estabelecidos/*outsiders*. O grupo estabelecido monopoliza posições e funções que lhe asseguram prestígio, status, ganhos econômicos, autoridade e/ou outros poderes, a depender do objeto de luta da figuração analisada (QUINTANEIRO, 2010, p. 122). Os estabelecidos desenvolvem (nem sempre racionalmente) técnicas e práticas que permitem a reprodução e a perpetuação da relação de desigualdade característica da figuração, a fim de impedir que os *outsiders* os ameacem ou os destituam de sua posição.

Os estabelecidos não seriam apenas os dominadores, os detentores das posições hegemônicas da figuração, eles, de alguma maneira, fazem com que os *outsiders* se vejam como inferiores, penetras, excluídos. Elias apela para uma característica de construção psico-cultural do estigma dos excluídos, dos *outsiders*, que afetaria a autoestima do grupo e dos indivíduos que o compõem. Elias indica a tendência que os *outsiders* têm de internalizar em sua autopercepção as estigmatizações que sofrem por parte dos

estabelecidos⁹. As rotulações depreciativas imputadas pelos estabelecidos penetram na imagem que os grupos *outsiders* têm de si mesmos. Os atributos negativos são incorporados ao *habitus* social (camada “nós” da identidade) do grupo e agregam-se também às personalidades de seus integrantes. Além disso, em sentido simetricamente oposto, os estabelecidos reforçam sua autoestima e seu carisma grupal com a autoatribuição de predicados positivos e virtudes específicas.

Essa leitura sublinha uma das linhas de força da sociologia eliasiana: a conjugação de análises tanto de caráter individual (psicogênese) quanto de caráter coletivo (sociogênese). Elias destaca os permanentes influxos entre as estruturas sociais e as estruturas das personalidades individuais. As clivagens sociais e os princípios de divisão são incorporados pelos indivíduos, assim como as imagens e representações simbólicas construídas na sociodinâmica das relações entre estabelecidos e *outsiders* penetram em suas estruturas psicológicas. Portanto, o modelo teórico de Elias, ao associar as dimensões filogenética e ontogenética de análise, permite compreender como alguns movimentos estruturais produzem reflexos na economia psíquica dos indivíduos e como as formas de percepção e julgamento individuais estão conectadas de alguma maneira às formas coletivas de vivência e convivência.

A inferiorização de um grupo se dá sempre numa relação de interdependência entre os dois (ou mais) grupos que compõem a luta pelo poder social. Essa afirmação estabelece um imperativo metodológico importante: a análise dos grupos em uma figuração de tipo estabelecidos/*outsiders* só pode ser feita conjuntamente, isto é, em uma perspectiva necessariamente relacional. Não se pode tomar um ou outro grupo como objeto isolado¹⁰.

⁸ Loïc Wacquant (2008), por exemplo, utilizou a sociologia figuracional de Norbert Elias para analisar os guetos norte-americanos, tomando-os como um sistema de forças dinâmicas e povoado por indivíduos e instituições ligados por laços de interdependência. O sociólogo francês sublinha que o arsenal categorial de Elias permite investigar os mais variados objetos em uma multidimensionalidade que garante ao modelo uma grande fertilidade teórico-analítica. Em suas palavras, a sociologia figuracional “abarca e une níveis de análise que vão das organizações de poder político e econômico de grande escala a relações sociais institucionalizadas, padrões de interação e tipos de personalidade”, permitindo “juntar conceitualmente as mais ‘macro’ de todas as macroestruturas e as mais ‘micro’ de todas as micro-formações – até a constituição ‘biopsicossocial’ do indivíduo” (WACQUANT, 2008, p. 54). É essa possibilidade de analisar uma multiplicidade de objetos distintos e a partir de variadas perspectivas que garante a versatilidade a que fizemos referência acima.

⁹ Esse processo de internalização da visão dos estabelecidos pelos *outsiders* descrito por Elias permite um paralelo com o conceito de violência simbólica de Bourdieu (2007, p. 206-207). Para o sociólogo francês, a violência simbólica é uma violência dissimulada, não percebida enquanto tal e que só é exercida com a cumplicidade não consciente do dominado. Caracteriza-se pela incorporação, por parte do dominado, de categorias e princípios que fortalecem e reproduzem a própria relação de dominação. Essa adesão não voluntária a esquemas de percepção, apreciação e julgamento próprios dos dominadores pode ter como um de seus efeitos a autoavaliação dos dominados a partir dos referenciais dos primeiros, mesma situação descrita por Elias na sociodinâmica das relações entre estabelecidos e *outsiders*. Em síntese, essa similitude teórico-analítica entre Bourdieu e Elias reside na descrição de um processo em que os dominados (*outsiders*) internalizam e reproduzem a lógica dos dominadores (estabelecidos) de maneira não consciente.

¹⁰ O imperativo metodológico eliasiano de analisar os grupos sempre nos seus vínculos de interdependência conduz forçosamente à crítica das análises empreendidas por Erving Goffman (1975) e Howard Becker (2008) no âmbito da sociologia do desvio. Ambos os autores, ao investigarem processos de estigmatização e grupos *outsiders*, fazem-no isolando os *outsiders* como objeto de análise específica. Uma das maiores contribuições do modelo teórico de Elias é mostrar que a constituição dos grupos e

A análise deve sempre ser feita na dimensão da interdependência dos grupos e indivíduos dominadores e dominados, um dos traços constitutivos mais fundamentais das figurações desse tipo. Por isso, não é possível compreender a condição e a posição dos estabelecidos senão em suas vinculações com os *outsiders* no interior da figuração. É pela investigação dos “processos cambiantes de equilíbrio de poder” que se elucida as atuações dos grupos e dos indivíduos que o compõem (QUINTANEIRO, 2010, p. 122).

O contato de membros do grupo estabelecido com membros dos *outsiders* desqualificaria os primeiros diante de seus pares, como se eles pudessem ser contaminados pela inferioridade dos segundos. Quando a coesão e o poder do grupo estabelecido são altos, os indivíduos estabelecidos dão valor à opinião dos outros membros de seu próprio grupo, e retiram valor, ou tornam-se indiferentes, às opiniões dos *outsiders*, inclusive evitando-os. Essa atribuição de um caráter poluidor ao contato com os membros do outro grupo¹¹ delimita com maior rigor as fronteiras entre estabelecidos e *outsiders* e potencializa as tensões materializadas no interior da figuração.

Com as categorias sociológicas em questão (estabelecidos e *outsiders*), Elias permite analisar como as desigualdades sociais se estabelecem psicológica e culturalmente nas relações sociais, servindo de suporte para a reprodução das desigualdades materiais. O processo de estigmatização tem como um de seus principais fundamentos as formas específicas de fantasias coletivas criadas pelos estabelecidos, que acabam se materializando, se coisificando. Elias descreve um processo em que construções simbólicas convertem-se em realidade¹²: os princípios de superioridade e autoengrandecimento forjados na imaginação dos estabelecidos objetivam-se e transformam-se em rígidos critérios de estratificação social no interior da figuração. É essa coisificação do estigma

de suas posições se dá sempre sob um prisma relacional. A condição de *outsiders* dos indivíduos e grupos marginalizados só pode ser explicada a partir do seu vínculo com os estabelecidos, em suas relações de interdependência funcional no interior da figuração. Isolá-los como objeto individualizado de análise contribui, dessa vez no plano metodológico, para o reforço do estigma que carregam.

¹¹ Sobre essa questão, Mary Douglas (1991, p.185) desenvolve uma oportuna reflexão em torno das noções de pureza e perigo. Cada grupo ou cultura estabelece os seus padrões de pureza e, simultaneamente, cria regras de evitamento para preservação desses ideais. A aproximação excessiva daquilo que se considera impuro, podendo inclusive se tratar de pessoas, como é o caso dos *outsiders* na sociodinâmica da sua relação com os estabelecidos, significa um perigo de contágio moral e de infecção anômica. Essas regras tornam visível uma estrutura clivada (como a figuração de tipo estabelecidos/*outsiders*) e cuja constituição se dá em torno dessa lógica dialética entre pureza e perigo/contaminação.

¹² Bourdieu (2011) também trabalha nesse mesmo sentido, atribuindo preponderância ao simbólico como forma de construção da visão (e divisão) do mundo para os grupos sociais.

social reflete, justifica, reproduz e legitima a aversão e o preconceito que o grupo estabelecido sente pelos indivíduos que compõem o grupo *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.35).

Para Elias, o que estaria por trás da relação entre estabelecidos e *outsiders* seria uma luta pelas chances de poder, que geraria, inconscientemente, embora não irracionalmente, uma identidade social binária do tipo “nós” e “eles”. Isto tem um quê de doentio, segundo sua perspectiva, pois, “um ideal do nós hipertrofiado é sintoma de uma doença coletiva” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 43 e 44). E ele mesmo apresenta uma solução para esta patologia social ao lembrar, no posfácio à edição alemã, que a redução da desigualdade nos (ou entre os) grupos humanos estaria diretamente ligada à capacidade de redução do temor recíproco, individual e coletivo, dos estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 213)

A conservação da oposição dos dois grupos na forma de uma relação de dominação se apoia em duas variáveis fundamentais que estão diretamente interligadas: o grau de coesão dos grupos e o monopólio por parte dos estabelecidos do controle das posições sociais de poder no interior da figuração social (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.22). A coesão mais intensa de um dos grupos em relação ao outro potencializa sobremaneira as suas técnicas difamatórias e o seu poder de exclusão. Com isso, o grupo estabelecido revela-se capaz de reservar para si posições dotadas de maior poder no interior da figuração social, ampliando a marginalização do grupo *outsider* e reproduzindo a relação de dominação entre ambos.

Uma das inovações do modelo eliasiano é mostrar a produção de desigualdades entre iguais. No trabalho etnográfico em Winston Parva, o que se observou foi a produção de desigualdades entre dois bairros proletários que não apresentavam diferenças objetivas consideráveis. Os fatores de estratificação mais comuns não estavam presentes: os habitantes de ambos os bairros possuíam a mesma renda, eram da mesma raça, possuíam em geral o mesmo grau de escolaridade. Ainda assim se formou um rígido sistema de hierarquias, de diferenciação entre superiores e inferiores, de estabelecidos e *outsiders*, fundado apenas na diferença de antiguidade no local (um dos bairros era mais antigo e o outro recém-construído).

Essa constatação sociológica (produção de desigualdades entre iguais) desafia em alguma proporção o conceito de classe em Marx¹³. Elias mostra que os fatores econômicos não são os únicos tampouco os principais na produção das desigualdades¹⁴ e que as diferenciações podem ser

¹³ Ao supor que o processo de tomada de consciência conduziria o proletariado da condição de “classe em si” ao estatuto de “classe para si” (MARX, 1985, p. 159), isto é, de classe plenamente integrada e capaz de levar a cabo a sua missão histórica de esfacelamento da ordem do capital, Marx atribuía aos fatores econômico-materiais (posse dos meios de produção da riqueza social) o caráter de critério fundamental de estratificação da sociedade em classes.

¹⁴ Bryan Turner (1989, p. 100 e 101) desenvolve essa ideia com precisão em seu estudo sobre o status, ao mostrar que a ideia da estratificação ou desigualdade pode ser abordada de maneira multidimensional. Além da perspectiva econômica, estruturada sobre o modelo teórico marxista,

constituídas no interior de grupos à primeira vista homogêneos como a classe trabalhadora em Marx. Dessa leitura decorre uma potencialização das dificuldades de união plena da classe trabalhadora, pois, mesmo que superadas as diferenças criadas pelo fator econômico pela via da consciência de classe, permaneceriam as múltiplas possibilidades de produção de diferentes gradientes de poder no interior do proletariado.

Elias critica o modelo marxiano de luta de classes para análise das relações de dominação entre grupos, considerando-o reducionista, e recusa a ideia de supremacia do fator econômico na formação de oposições entre grupos. Na leitura de Tânia Quintaneiro (2010, p. 126), por girar em torno do controle dos meios de produção e atribuir aos conflitos decorrentes essa mesma coloração, o padrão analítico da luta de classes não é apropriado para captar as lutas travadas no nível simbólico e que muitas vezes ocorrem no interior de uma mesma classe. A superioridade dos estabelecidos se manifesta por diferentes vias: comportamentos, práticas, hábitos, costumes, mas principalmente por representações simbólicas fantasiosas do próprio grupo em oposição ao outro (HEINICH, 2001, p. 110). Enfim, os conflitos se constituem a partir de referências imaginárias que se formam em torno dos grupos, mesmo que ambos ocupem a idêntica condição de despossuídos dos meios materiais de produção, como no caso de Winston Parva.

As relações de poder que giram em torno das questões raciais, de gênero, de nacionalidade, de orientação sexual, etc. têm, muitas vezes, seus conflitos desvinculados dos antagonismos entre as classes sociais. Elias mostra as múltiplas possibilidades de clivagens e fraturas entre grupos, e que não são alcançados pelo modelo da luta de classes. Esses conflitos, em grande parte das vezes, nada têm a ver com questões econômicas ou com o paradigma das classes em luta, além de poderem se referir, como no caso de Winston Parva, à produção de desigualdades entre indivíduos ou grupos iguais do ponto de vista das características objetivas.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO ELIASIANO

O tempo é uma dimensão fundamental do pensamento de Norbert Elias. Para ele, a eficácia da análise sociológica é dependente da sua inserção em uma dinâmica processual, em uma perspectiva histórica. Toda figuração social é dotada de uma dinâmica própria, que está em permanente

fluxo. As sociedades são marcadas por um ímpeto de transformação e apresentam a mudança como uma de suas características constitutivas, não podendo jamais ser concebidas em estado de repouso¹⁵. Por isso, Elias cunhou a noção de processo social, que permite visualizar a história em movimento ao aludir a transformações amplas, contínuas e de longa duração ocorridas nas figurações sociais ou em seus aspectos característicos¹⁶ (ELIAS, 2006, p. 27 e 28). Essa ferramenta conceitual permite captar o nexo de continuidade que atravessa as diferentes figurações que se sucedem no tempo e no espaço e estabelecer uma interconexão histórica entre elas. A mutação, o declínio e a ascensão das figurações são o resultado desse movimento permanente de transformação que constitui o cerne da ideia de processo social.

Nesse sentido, na perspectiva eliasiana, a abordagem sociológica deve ser realizada historicamente. As figurações sociais são sempre o produto de uma processualidade sócio-histórica mais ampla, que lhes serve de lastro. A explicação sociológica dos eventos atuais deve introduzi-los em um fluxo social mais dilatado, acentuando-lhe a dinâmica processual. Elias procurava mostrar que cada formação social deriva de outras formações sociais anteriores, isto é, que a composição de uma determinada figuração encontra raízes nas figurações que a antecederam. Dessa forma, as diferentes figurações que se constituem sequencialmente no tempo representam uma série de metamorfoses sucessivas e interconectadas no interior de um mesmo processo histórico. Por isso, a análise retrospectiva das transformações processuais é indispensável para a compreensão da anatomia social de uma determinada figuração.

A decorrência metodológica dessa leitura é que os fenômenos e figurações tomados como objetos de análise não podem ser recortados pelo sociólogo de modo a

¹⁵ Elias denunciou o erro capital da sociologia de seu tempo de excluir dos seus horizontes a ideia de processo histórico. Com isso, havia uma redução de processos à condição de estados, isto é, situações que estavam em permanente movimento eram artificialmente transformadas em situações estáticas. Para Elias, esse congelamento de uma realidade social que está em permanente movimento compromete fatalmente a eficácia da análise sociológica.

¹⁶ O maior exemplo dessa perspectiva macroprocessual em sua obra é o que Elias chamou de “processo civilizador” (ELIAS, 1994, 1993). Trata-se de um processo histórico multissecular, ocorrido na Europa ocidental, de racionalização dos afetos e pulsões que dá origem à modernidade. Para Elias, a era moderna se caracteriza acima de tudo por uma mudança da conduta e sentimentos humanos, que se desenvolveu sem planejamento com a passagem da sociedade de corte para a sociedade moderna, através de um maior (auto)controle dos afetos e das pulsões. Apesar de não ser orquestrado racionalmente pelos atores sociais, o processo civilizador não deve ser concebido como o produto de uma combinação caótica e amorfa de ações e estruturas desordenadas. Sob a ótica eliasiana, trata-se de um fluxo estruturado de eventos e transformações, de larga extensão no tempo e no espaço, plenamente inteligível e que constitui o epicentro de sua teoria da modernidade.

amputar as raízes históricas que lhe deram origem. O recorte analítico promovido pelo pesquisador deve contemplar a dinâmica histórica na qual o objeto encontra a sua inteligibilidade. A noção de processo social permite conceber as sucessivas transformações como um movimento coerente, como uma evolução¹⁷ passível de compreensão. Ao sociólogo cabe perceber uma sequência estruturada de eventos como “marco de referência para a pesquisa de situações localizadas em um determinado momento daquela sequência” (KIRSCHNER, 2014, p. 60). Daí a conjunção entre sociologia e história no pensamento de Norbert Elias¹⁸: há uma relação de dependência cognitiva entre figuração e processo histórico, evento e estrutura, sincronia e diacronia.

Elias prezava pelas análises históricas de longa duração¹⁹. Foi um crítico mordaz das vertentes sociológicas de curto

¹⁷ O uso do termo “evolução” por Elias abriu margem para uma série de leituras enviesadas de sua obra. Sua abordagem histórico-sociológica de fato inclui uma dimensão de evolução, mas que passa longe das concepções teleológicas ou evolucionistas presentes na sociologia do século XIX. Estas, impregnadas de referências axiológicas, eram marcadas pelo ideal iluminista de progresso e pela crença de que as sociedades eram governadas por uma lei metafísica de aperfeiçoamento contínuo. Em sentido diverso, a noção de evolução em Elias sinaliza apenas a existência de processos históricos que se desenvolvem com um direcionamento específico, coerente e, por isso, inteligível, sem que isso signifique, entretanto, um aperfeiçoamento ou um avançar de modelos sociais inferiores até formas superiores de organização social. Não há em seu pensamento quaisquer juízos de valor ou postulados etnocêntricos na análise dos processos históricos, como pretenderam as interpretações mais rasteiras de sua obra. Por tais razões, é possível falar de evolução em Norbert Elias, mas não de evolucionismo.

¹⁸ Elias combateu a tendência à separação entre história e sociologia a partir de um critério cronológico na definição dos objetos. Para ele, é preciso superar a cisão entre passado e presente e valorizar a interlocução entre as duas disciplinas. A todo sociólogo se impõe o dever metodológico de interrogar o passado para estudar o presente, pois raízes históricas são imprescindíveis para a diagnose dos fenômenos atuais (ELIAS, 2001a, p.146). Em resumo, para Norbert Elias, o encastelamento do sociólogo no presente redundaria na mais absoluta inocuidade de suas análises.

¹⁹ A menção a análises históricas de longa duração torna necessária a referência à *École des Annales*, movimento historiográfico que tratou de jungir, semelhantemente ao que Elias fez no campo da sociologia, a história a outras áreas do conhecimento (psicologia, economia, sociologia, antropologia, etc.). Com isso, o objetivo dessa escola era superar a compartimentalização das ciências sociais em favor de métodos transdisciplinares e preterir a historiografia positivista, que insistia nas abordagens de curto prazo e no fracionamento dos processos históricos em eventos individualizados e independentes. Dentre outros notáveis representantes do movimento, destacou-se Fernand Braudel (1992, p. 105), da segunda geração da *École*, ao acentuar a dimensão processual da história e a necessidade metodológica de pensá-la em termos de longa

prazo²⁰, dominantes em seu tempo, que segmentavam arbitrariamente os processos históricos, subtraindo-lhes com isso a inteligibilidade. A substituição de uma dinâmica de longo prazo por uma estática de curto prazo nas análises sociológicas representou um dos mais graves obstáculos epistemológicos enfrentados pela sociologia no século XX. Elias, em sentido contrário a este, sublinhava o nexo de continuidade que atravessa os diferentes períodos, ampliando sobremaneira a extensão do processo histórico a ser reconstituído no plano teórico. Somente a partir de investigações históricas cronologicamente dilatadas faz-se possível recuperar toda a cadeia de acontecimentos que influem no jogo de ações e reações do qual vão resultando as figurações sociais. Por tais razões, a ferramenta diacrônica desempenha papel central no método eliasiano²¹.

Portanto, recorrer à sociologia de Norbert Elias para análise de uma determinada figuração social exige um movimento de retrospecto e de reconstituição do processo histórico no qual se insere o objeto de pesquisa. Ganha realce a versatilidade do modelo teórico eliasiano ao viabilizar a compreensão de uma figuração social tanto na perspectiva diacrônica (processo histórico que lhe deu origem) quanto na sincrônica (correlações simultâneas de força na composição atual). O entrecruzamento e a interpenetração entre sincronia e diacronia são elementos distintivos do método eliasiano, que lhes reconhece a relação de interconexão: as transformações processuais modificam as composições das figurações e as composições das figurações influenciam no direcionamento dos processos sócio-históricos (DIAS, 2011, p. 29).

Nesse sentido, encarar o universo carcerário de um ponto de vista eliasiano exige concebê-lo como uma figuração

duração, superando assim o equívoco das tradições historiográficas anteriores que valorizavam as abordagens históricas conjunturais em detrimento das estruturais.

²⁰ Elias direcionava essa crítica principalmente à sociologia norte-americana, dominada pela tradição funcionalista e que encontrava em Talcott Parsons e Robert Merton seus principais representantes. Nessas vertentes sociológicas, a noção de processo social cedeu lugar à ideia de sistema social, que atribui à sociedade uma estabilidade imanente e que a concebe em uma perspectiva estática. Com isso, os funcionalistas descartavam a dimensão histórica das transformações sociais e reduziam a abordagem sociológica a análises de curta duração.

²¹ Há que se pontuar, entretanto, que o livro *Os estabelecidos e os outsiders*, base da proposta teórico-metodológica elaborada neste artigo, é aquele em que Elias mais reduz o alcance da história, se comparado com suas outras obras. Por valorizar a etnografia e a maior aproximação do objeto, o enfoque não permite o adensamento da investigação diacrônica, o que acaba por tornar a processualidade histórica mais superficial e pressuposta. Portanto, o modelo teórico das figurações estabelecidos/*outsiders*, marcado por uma perspectiva microanalítica, surge como uma importante complementação para macroanálises sociológicas, a exemplo das empreendidas pela tradição marxista a respeito do encarceramento em massa.

social que é produto de um determinado processo histórico que lhe deu origem. No caso brasileiro, as análises empreendidas a partir do marco teórico da criminologia crítica (tradição marxista) detectaram um evidente corte de classe e de raça como orientadores do fenômeno do encarceramento em massa (RIBEIRO JÚNIOR, 2012; BATISTA, 1990; BATISTA, 2012, 2003; CARVALHO, 2014). Em outros termos, identificou-se que o poder punitivo do Estado incide prioritariamente sobre determinados contingentes populacionais subalternos (pobres e negros), configurando aquilo que a criminologia crítica designou como “seletividade penal”. Essas conclusões não andam longe das obtidas por investigações similares realizadas na Europa, Estados Unidos e em outros países latino-americanos, locais em que a identificação dos perfis de clientela do sistema carcerário a partir dos critérios de classe e raça se repete (WACQUANT, 2001, 2003; GIORGI, 2006; MELOSSI; PAVARINI, 2006).

As análises marxistas mostraram que a escalada punitiva e o encarceramento em massa são fenômenos conectados ao processo histórico de avanço do capitalismo. As disfunções produzidas no contexto do desenvolvimento capitalista vão sendo enfrentadas por meio de processos de criminalização, que encontram nas classes baixas os alvos da ferocidade penal do Estado. Através de análises realizadas em dimensão macroscópica e pela via da reconstituição do processo histórico, a tradição marxista foi capaz de trazer à luz a real função da pena privativa de liberdade nas sociedades capitalistas (punir os pobres e corrigir as disfunções do capitalismo pela via da repressão) ao identificar o perfil dos indivíduos encarcerados e perceber o sistema penal como um poderoso instrumento de controle dos segmentos sociais miserabilizados. Portanto, o universo prisional contemporâneo é o produto de um longo processo histórico de criminalização da pobreza no interior das sociedades capitalistas.

Como nosso interesse neste artigo é diverso, qual seja, indicar o modelo teórico-metodológico eliasiano das figurações estabelecidos/*outsiders* para análises microscópicas do interior dos estabelecimentos prisionais, tomaremos como pressuposta a diagnose histórica realizada pela tradição marxista para promover a translação do enfoque analítico que estabelecemos como objetivo deste artigo. Dessa forma, destacamos a possibilidade de complementação das visões macroscópicas acerca da problemática carcerária com a perspectiva analítica de Norbert Elias, que permite captar as correlações de força no interior das prisões, bem como dilucidar as formas organizacionais e relacionais dos encarcerados em nível microscópico. Enfatizamos que, nesse caso, o uso do marxismo para fins de (re)construção histórica não fere a abordagem figuracional de Norbert Elias. Vislumbra-se aqui um espaço de interseção em que as teorias de tradição marxista e eliasiana se comunicam e se complementam, sem apresentar incongruências teórico-metodológicas que prejudiquem a análise das relações carcerárias²².

²² É de se pontuar aqui que o modelo eliasiano é também capaz de fazer análises macroscópicas e de longo prazo, mas as teorias marxistas parecem melhor dar conta das especificidades do cárcere e dos processos de

A primeira advertência metodológica formulada por Elias para essas análises microscópicas é a insuficiência dos instrumentos estatísticos. Os métodos quantitativos, próprios das macroanálises, não são capazes de apreender e compreender as minúcias das complexas teias de interdependências que se articulam no interior da figuração. A intenção de Elias com isso não é desprezar os instrumentos estatísticos, mas antes mostrar que eles, por si sós, não são suficientes para compreender a sociodinâmica de uma figuração. As estatísticas podem desempenhar um importante papel na descrição e análise da estrutura da figuração, mas as especificidades de seu funcionamento microscópico dependem de outros métodos mais sofisticados, que prezam pela maior aproximação com o objeto.

Por tais razões, as investigações cuja pretensão seja retirar da opacidade a sociodinâmica de uma determinada figuração devem ter como eixo fundamental a análise de como os indivíduos se articulam, de como são atados os nós das redes de interdependências que eles constituem entre si. Isso porque “todos os elementos de uma configuração, com suas respectivas propriedades, só são o que são em virtude da posição e função que nela têm” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 58). O desvendar da lógica figuracional passa necessariamente pelo estudo de elementos que escapam aos métodos estatísticos, como símbolos linguísticos (modos de fala, modos de se vestir, tatuagens, *ethos* profissionais), códigos de conduta e crenças coletivas, todos desenvolvidos em meio às teias de inter-relação encadeadas no interior da figuração social. Dados sociais como esses, que são sociologicamente significativos sem possuir qualquer significação estatística, permitem decifrar as especificidades microscópicas de uma figuração, só podendo ser obtidos por meio de trabalhos de campo e através de métodos como a etnografia, a observação participante e o que Elias chamou de “análise e sinopse das configurações” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 56).

Outra incorreção metodológica sobre a qual Elias adverte é a tentativa de analisar as figurações sociais a partir dos indivíduos que a compõem²³, isto é, seguir a ideia de que “os indivíduos devem ser primeiramente estudados como elementos isolados e de que as figurações que eles compõem entre si derivam do que são sem elas” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 57). Esse problema se deve à rigidez da velha e equivocada dicotomia indivíduo/sociedade²⁴, à

aprisionamento, razão pela qual optamos por sua utilização para a abordagem diacrônica de nosso objeto.

²³ Sobre essa questão, Elias (1994, p. 25) formulou uma didática e elucidativa alegoria: “[...] não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais. Também sua estrutura não é outra coisa senão a das relações entre as diferentes notas”.

²⁴ Essa dicotomia, que Elias considerava uma “armadilha teórica” e um obstáculo epistemológico, já estava presente na sociologia desde os autores considerados clássicos. Mesmo Weber, de quem Elias foi em grande medida um herdeiro intelectual, cometeu o erro de pensar indivíduo e sociedade como categorias estanques e substancializadas, atribuindo primazia ao primeiro. Em um ensaio que escreveu como complemento à sua entrevista biográfica,

qual já fizemos referência nas linhas acima e que Elias tentou superar ao longo de toda a sua obra.

O trabalho etnográfico realizado em Winston Parva mostrou que as opiniões, as visões de mundo, as formas de consciência e de autopercepção não eram construídas inicialmente por cada indivíduo de maneira isolada. Essas propriedades simbólicas eram constituídas no interior dos circuitos coletivos de crenças e opiniões compartilhadas pelo grupo. Uma das maiores contribuições do modelo teórico eliasiano foi sublinhar a dimensão coletiva da identidade individual a partir da incorporação do *habitus* social do grupo, isto é, uma “camada nós” da identidade que vai sendo interiorizada e sedimentada ao longo do processo de socialização. Com isso, Elias evidenciou a articulação entre o nível particular e o nível coletivo da identidade, entre o “eu” e o “nós”, como uma decorrência dos vínculos de interdependência dos indivíduos. Qualquer tentativa de explicação que conceba os indivíduos de maneira independente e anterior a essas formas de vivência coletiva incorre num erro fatal que compromete a compreensão da sociodinâmica figuracional.

Em síntese, na perspectiva metodológica eliasiana, a análise da figuração não pode ser feita senão a partir das inter-relações de dependência nas quais os indivíduos estão mutuamente implicados. E no contexto do sistema prisional, isso significa investigar, dentre outros elementos, as formas pelas quais os detentos se associam (facções criminosas, organizações religiosas, etc.), bem como os modos de organização da vida comunitária (códigos de conduta, normas comportamentais) no interior do cárcere.

3 REFLEXÕES ELIASIANAS SOBRE O CÁRCERE A PARTIR DO CINEMA

Neste terceiro capítulo, procederemos à análise de trechos de sete filmes sobre a problemática carcerária: *O prisioneiro da grade de ferro* (SACRAMENTO, 2003), *O expresso da meia-noite* (PARKER, 1978), *Salve geral* (REZENDE, 2009), *400 contra 1* (SOUZA, 2010), *Quase dois irmãos* (MURAT, 2004), *La vida loca* (POVEDA, 2008) e *Sin nombre* (FUKUNAGA, 2009). São filmes que retratam fidedignamente a realidade interna das prisões e que podem servir de material empírico para indicações de como utilizar o modelo teórico-metodológico eliasiano²⁵. Não se trata aqui de pinçar aleatoriamente exemplos que sirvam de comprovação à teoria, mas antes de conceber os filmes como obras cinematográficas que contêm elementos sociologicamente analisáveis (CANDIDO, 2006, p. 19), o que torna metodologicamente possível empreender investigações dos filmes no âmbito de uma sociologia do cinema²⁶. O objetivo do capítulo é demonstrar a

mesmo após reconhecer a “lucidez implacável” de Max Weber, Elias tece um comentário em tom de crítica à “opção fundamentalmente liberal” que o sociólogo de Heidelberg fez e que o obrigou a “encarar a sociedade a partir do indivíduo” (ELIAS, 2001a, p. 155).

²⁵ O uso dos filmes aqui dispensará uma sinopse de cada um deles por ser tratar de obras já amplamente conhecidas entre os intelectuais que pensam o sistema prisional.

²⁶ Embora Antonio Candido (2006, p.19) esteja se referindo nesse contexto a estudos sociológicos em literatura, trata-se de um pensamento analogicamente transponível ao conteúdo deste artigo para se pensar

importância das construções teóricas de Norbert Elias a partir cenas dos filmes e retomar os argumentos expostos nos dois primeiros capítulos de forma aplicada. Buscaremos indicar os traços constitutivos das figurações sociais no interior do sistema prisional retratadas nos filmes e apontar possibilidades de análise das relações carcerárias a partir do modelo teórico estabelecidos/*outsiders*.

O primeiro passo para uma análise eliasiana do interior das prisões é perceber o cárcere como uma figuração social, composta por múltiplos indivíduos interdependentes e inter-relacionados. Os detentos são mutuamente orientados e estabelecem entre si uma pluralidade de interconexões. As ações individuais de cada um repercutem socialmente, isto é, afetam de alguma forma a esfera dos demais em razão dos vínculos de interdependência que os ligam dentro da figuração carcerária. Deve ser esta a visualização do cárcere numa perspectiva eliasiana: um sistema estruturado de posições e de relações.

Como mostramos nas indicações metodológicas do capítulo anterior, a análise da figuração deve ser feita a partir dos vínculos de interdependência, mostrando como se atam os nós das redes relacionais constituídas pelos e entre os indivíduos. No caso das prisões, as articulações entre os presos devem ser vistas como estratégias de sobrevivência. O isolamento do convívio em sociedade provocado pela pena privativa de liberdade neutraliza as identidades dos indivíduos e vai anulando progressivamente as individualidades no interior do sistema prisional. Esses contingentes populacionais são encarcerados e reconhecidos como números, como estatísticas, passando todos a serem designados por categorias hiperbólicas e genéricas como “população carcerária”, “presos”, “detentos”, e sempre envoltos pelos rótulos de “criminosos” ou “bandidos”. As práticas encarceradoras do Estado produzem como principais efeitos a atomização e desumanização dos presos ao tratá-los como criminosos individuais e desprovidos de identidade. Essa (auto)percepção é evidente nos depoimentos de alguns presos coletados no documentário *O prisioneiro da grade de ferro* (SACRAMENTO, 2003, 45min): “Quando a gente entra aqui para dentro, você se torna outra pessoa porque você sabe que aqui nesse lugar você não vale nada, você só faz falta na hora da contagem”. O teor da fala se repete na entrevista de um outro detento: “Estou condenado no 157. Eu me encontro nesse lugar em que eu sou apenas mais um entre muitos” (SACRAMENTO, 2003, 31min).

Desse modo, em reação a essa fragmentação das identidades provocada pelo encarceramento, desenvolvem-se no interior dos estabelecimentos prisionais formas de organização coletiva que integram os detentos e que servem como autênticas estratégias de sobrevivência. Essas formas organizacionais são variadas: facções criminosas, grupos religiosos, grupos profissionais, atividades artísticas (grupos de rap, desenho, pintura, artesanato, etc.). Todos esses agrupamentos são constituídos no interior da

sociologicamente o cinema. Isso porque um dos aspectos nucleares da reflexão é o fato de as obras de arte conterem elementos sociais passíveis de análises sociológicas, o que pode acontecer tanto no caso de livros quanto de filmes.

figuração carcerária como meio de superar a atomização produzida pelo sistema penal. São novas formas de sociabilidade desenvolvidas em torno do escopo de (re)constituir identidades coletivas como táticas de sobrevivência e como antídoto à desumanização imposta pelo aprisionamento. Portanto, nas figurações carcerárias os nós de interdependência dos indivíduos vão sendo atados em torno de um objetivo comum: sobreviver.

No caso das prisões brasileiras, de todas essas formas organizacionais acima mencionadas, as que ganharam maior destaque foram as facções criminosas. Multiplicaram-se no interior dos estabelecimentos prisionais facções que passaram a funcionar como verdadeiros centros de poder. Camila Dias (2011, p. 18), em sua pesquisa sobre a expansão do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema prisional paulista, mostrou que a figuração carcerária anterior ao surgimento e consolidação da facção era marcada por uma rede de interdependências mais afrouxada e por uma divisão funcional menos complexa. Com a inexistência de um centro gravitacional, o equilíbrio de poder era pulverizado entre os componentes da figuração e os diferenciais de poder entre os indivíduos eram reduzidos. Com o avanço do PCC, a facção passou a funcionar como um centro de poder no interior da prisão, rompendo a figuração anterior e dando origem a outra, marcada pela redefinição do equilíbrio de poder e por novas características constitutivas. Nessa nova figuração, o PCC passou a exercer um poder hegemônico e a monopolizar as oportunidades de poder (uso da violência física, posse de armas, comércio ilícito). A rede de interdependências entre os presos tornou-se mais integrada e coesa e os diferenciais de poder muito mais amplos e visíveis. Nessa nova fisionomia figuracional, a centralidade do poder político da facção criminosa permitiu-lhe impor normas de conduta e julgar os transgressores, o que se traduziu numa poderosa forma de controle social estabelecido nas prisões.

Essas organizações criminosas surgem como autênticos pactos de sobrevivência, como mecanismos de integração coletiva²⁷ entre os presos para a luta por seus direitos e interesses frente à desumanização e violência institucional impostas pelo Estado²⁸. Uma boa ilustração disso é encontrada no filme *Salve Geral* (REZENDE, 2009, 14min), em uma cena na qual integrantes de uma facção criminosa assassinam o antigo líder dos presos e proferem a seguinte mensagem aos detentos de uma delegacia:

Companheiros, agora é o Comando da Capital que manda aqui, é nós? Nós somos potência e queremos nossos direitos, que estão esmagados aqui nesse campo de concentração. A maioria aqui está preso definitivo, mas não é transferido para presídio porque não tem dinheiro para advogado. E o governo esqueceu a gente. Eles acham

²⁷ A importância dessa lógica da integração e da coesão pode ser observada em outro depoimento d'O prisioneiro da grade de ferro (SACRAMENTO, 2003, 3min), em que um dos detentos diz: "A gente está preso aqui, a gente está pagando para a justiça pelos nossos erros que a gente cometeu no passado, então a gente já tem todo o sistema desfavorável a nós, contra a gente. Então o que a gente tem que fazer é a gente se unir e procurar nossa força, tirar nossa força dessa união".

que pobre é lixo e botam nós nessa lixeira. Nós viemos para mudar isso aí e a regra é a seguinte: irmão não rouba irmão; preso não caguetta preso; traição é morteseem perdão. O governo vai colher o que plantou. Eles vão se foder. Esse é o nosso recado. Paz, justiça e liberdade!

A centralização do poder político nas mãos de uma facção criminosa potencializa a integração entre os presos e enrijece as relações de interdependência que eles mantêm entre si. O equilíbrio das tensões é marcado pelo exercício de um poder hegemônico por parte da facção criminosa que domina a cadeia, o que lhe permite estabelecer um rígido controle social sobre a população carcerária por meio de normas de comportamento que vigem dentro da prisão. No caso do PCC, no sistema carcerário paulista, esse código de conduta se traduziu em um Estatuto do Partido, composto por dezesseis artigos e que submete todos os presidiários (integrantes e não integrantes da facção). Sob a consigna "Paz, justiça e liberdade", o Estatuto determina, dentre outras coisas, os valores que os indivíduos devem cultivar em relação ao Partido (lealdade, solidariedade e respeito), a união contra as opressões dentro da prisão, a eliminação das rivalidades internas e das contendas pessoais e a proibição do estupro, do assalto e da extorsão no presídio.

Esse rigoroso mecanismo de controle social da população carcerária pelo PCC, sob a forma de normas comportamentais, produz alguns impactos dignos de nota. A monopolização da violência pelo Partido acarretou uma queda vertiginosa de crimes cometidos tanto no interior quanto fora das prisões²⁹. Além disso, a centralidade política da facção fez cessar rebeliões difusas e organizou a movimentação dos presos na luta pelos seus interesses, ampliando sobremaneira a eficácia dos pleitos por melhores condições. Isso pode ser visualizado no depoimento, reproduzido no documentário *O prisioneiro da grade de ferro* (SACRAMENTO, 2003, 1h00), de um presidiário que organiza as atividades religiosas de um presídio paulista na condição de pastor evangélico:

Não faço apologia do crime, mas, antes de existir o PCC, os presos sofriam muito. Sofriam porque eram quadrilhas rivais e existia muita extorsão, estúpos, mortes banais. Mas quando eu conheci em 88 o Partido, eu, como pastor, comecei a observar o meio de eles trabalharem e vi que a cadeia mudou. O xadrez que você tinha que comprar, hoje em dia você não compra mais; estupro não existe mais na cadeia; aquelas mortes banais não existem mais. Então observa-se que houve uma mudança [...] Para mim só tem feito o bem. Até hoje não tem me atrapalhado no meu trabalho, pelo contrário, tem me apoiado no meu trabalho. Após a rebelião fizemos um culto com todos, mil pessoas ali fora ali, com o apoio deles... Até aqui eles têm me apoiado. Então, se se faz necessário fazer uma facção, se fazer um Partido, isso aí é relativo. Aqui tem o Primeiro Comando da Capital, que tem se saído muito bem e através dessa rebelião... Não que eu faça apologia disso... Mas eu acredito que chamou a atenção para dentro do presídio, da Casa de Detenção, que é um celeiro de que? Um celeiro de pessoas, um depósito de pessoas. E agora eles querem desativar, por quê? Porque alguém se movimentou e falou "Olha para nós aqui que nós estamos morrendo aqui dentro e vocês não soltam pessoas aqui que nem eu"... Estou com 11 anos preso, cadeia de 20 anos, já era para estar na rua já faz uns 4 anos. Pessoas de cadeia vencida [...] Tantas injustiças que alguém tem que

²⁹ Para mais detalhes, inclusive estatísticos, sobre essa questão, ver Dias (2011).

mobilizar e falar “Olha, nós estamos aqui dentro mofando... Nos tira desse lugar”. E talvez seja por isso que surgiu essa facção.

Interessante notar também que o Partido estabelece um elo entre os “irmãos” (assim denominados os integrantes da facção) que transcende os muros das prisões: aqueles que estiverem em liberdade devem contribuir com os que se encontram presos (com pagamento de advogados, com contribuições em dinheiro, com ajuda aos familiares ou com ações de resgate). Caso não o façam, esquecendo-se dos “irmãos” encarcerados, são condenados à morte sem perdão. Ilustra a força desse mandamento uma outra cena do filme *Salve geral* (REZENDE, 2009, 1h34min), em que um homem é mantido em cárcere privado por um integrante da facção quando uma das líderes da organização chega ao local. Ao adentrar o recinto em que o homem se encontrava amarrado em uma cadeira, ela indaga: “Vem cá, rapaz, está lembrando do artigo 7 do Estatuto do Partido?”. O homem afirma não ser do Partido e pergunta de que Estatuto ela falava. A mulher responde recitando o dispositivo: “Aquele que estiver em liberdade, ‘bem estruturado’, mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte, sem perdão”. Em seguida, deixa a sala e dirige um comando ao integrante da facção que mantinha o homem preso, que o executa imediatamente.

Essa mesma lógica também pode ser vista na formação das gangues Mara Salvatrucha (MS-13) e Mara 18 (também chamada de Barrio 18), retratadas nos filmes *La vida loca* (POVEDA, 2008) e *Sin nombre* (FUKUNAGA, 2009). Trata-se de organizações compostas, sobretudo, por salvadorenhos, mas que se estendem também a outros países da América Central e América do Norte (México e Estados Unidos). São grupos rivais que atuam tanto dentro quanto fora dos presídios e que se caracterizam pela constituição de um *ethos* guerreiro em torno das noções de honra e vergonha. Essas gangues são conhecidas por exigirem sacrifícios de seus membros, como espancamentos coletivos³⁰ e tatuagens dos símbolos característicos do grupo por todo o corpo, para a construção da ideia de irmandade³¹. É o mesmo processo

³⁰ Uma das fases do ritual de entrada para as gangues, conforme retratado nos filmes *La vida loca* (POVEDA, 2008, 1h26min) e *Sin nombre* (FUKUNAGA, 2009, 4min), consiste na sobrevivência a uma sessão de espancamento coletivo. No caso da MS-13, o ritual dura 13 segundos, enquanto que, para ingressar na Mara 18, o aspirante deve sobreviver a 18 segundos de espancamento.

³¹ As noções de irmandade e de união são bastante nítidas nas falas dos membros das gangues. No documentário *La vida loca*, que retrata o dia a dia dos integrantes da Mara 18, há uma cena (POVEDA, 2008, 43min) em que um veterano profere um discurso aos novatos nos seguintes termos: “A 18 é amor. Vocês sabem que eu estraguei tudo, mas eu quero ser claro. Estou falando para os novatos. A gangue não é um jogo, ela é real. Vamos andar na linha. E como meu irmão El Nube diz, a irmandade deve ser a primeira virtude da gangue. O que você tem, o seu irmão tem também. Se você não tem nada, o seu irmão também não. Não é porque você tem dois dólares e o outro não tem que você vai deixá-lo morrer. A gangue te ajuda de muitas maneiras, mas você deve cooperar também”. E num outro trecho, um dos membros indaga à familiar de

descrito por Elias (2000, p. 41): para participar do carisma grupal, traduzido em uma série de virtudes específicas compartilhadas pelos membros do grupo, os indivíduos submetem-se às normas e padrões grupais. Ainda que representem graves restrições, o indivíduo sujeita-se aos sacrifícios porque a sua participação na graça e no carisma do grupo depende da opinião coletiva, dos juízos que seus pares emitem sobre ele.

De maneira semelhante às facções criminosas brasileiras, essas gangues são constituídas como reação à desumanização e à violência institucional sofridas pelos contingentes populacionais que as formam (principalmente jovens, pardos e pobres). São formas de proteção e sobrevivência. Quando encarcerados, os membros das gangues reagrupam-se e reproduzem as rivalidades violentas vistas fora da prisão. As tatuagens, junto a outros signos, como gestuais, vestimentas, saudações e vocábulos característicos, constituem um código simbólico que identifica os membros e reforça a ideia de irmandade. Também aqui a coesão do grupo no interior da figuração carcerária produz ecos no exterior dos presídios: os que se encontram em liberdade devem sempre prestar assistência aos que cumprem pena privativa de liberdade. Em uma cena de *Sin nombre* (FUKUNAGA, 2009, 28min), os líderes da Mara Salvatrucha convocam uma reunião para informar aos demais membros a necessidade de aumentar a arrecadação de dinheiro entre a gangue para ajudar os parceiros que se encontram presos. Aqueles que traem a lealdade ao grupo por meio de comportamentos individualistas sofrem sanções, que vão desde as mais leves, como o desarmamento, até as mais graves, como espancamento e morte.

Conforme temos mostrado até aqui, em todos esses casos, embora os indivíduos aprisionados sejam encarados sob a forma de um contingente populacional homogêneo (estatístico), as análises mais detidas, em nível microscópico, são capazes de detectar a produção de diferenciações e territorializações no interior do cárcere. Em outros termos, semelhantemente ao estudo de Norbert Elias realizado em Winston Parva, essas análises, ao passo em que decifram a sociodinâmica das figurações carcerárias, revelam a produção de desigualdades entre iguais. Mesmo em um grupo aparentemente homogêneo como os presos (oriundos de uma mesma classe social, raça ou espaços urbanos), é possível captar a emergência de segregações e hierarquias em meio às novas formas específicas de sociabilidade que vão sendo construídas no interior dos presídios. E o estudo dessas relações de distinção pode ser feito a partir do modelo estabelecidos/*outsiders*. Indicaremos nas linhas abaixo algumas hipóteses retiradas dos filmes que são potencialmente analisáveis por essa via teórica.

Uma primeira hipótese de utilização do modelo estabelecidos-*outsiders* é na análise da relação entre massa carcerária e presos homossexuais. Trata-se de dois grupos que atendem a designações específicas, “homens” e “bichas” respectivamente, e cuja relação é marcada por uma intensa desigualdade de poder. Os gays ocupam as posições mais subalternas na rede de interdependências da

um integrante que acabara de ser assassinado se ela se vingaria dizendo: “E você, vai reagir? A regra da irmandade diz: tudo pela irmandade!”.

figuração carcerária e são vistos pelos presos em geral, investidos no estatuto de estabelecidos, como detentores de uma inferioridade humana que os impinge à condição de *outsiders*. N'O *prisioneiro da grade de ferro* (SACRAMENTO, 2003, 1h15min), o depoimento de um dos gays foi: "A realidade é que nós que somos assim, bichas, não podemos nada. Quem pode é só os homens. Nós pode é ficar quietinha e ficar quieta no lugar da gente". Os "homens", portadores de virtudes específicas e superiores enquanto grupo estabelecido, marginalizam os homossexuais e atribuem um caráter poluidor ao contato com eles (DOUGLAS, 1991, p. 185).

Essa marginalização traduz-se em territorializações (segregações espaciais) dentro dos presídios. No decorrer do depoimento do detento mencionado no parágrafo anterior, ele explica que o espaço habitado prioritariamente pelos presos homossexuais foi batizado de "Rua das Flores" (SACRAMENTO, 2003, 1h14min). É uma forma de identificar o território povoado pelos *outsiders* para que se evite o contato com eles. O entrevistado menciona também que antes havia gays morando em distintos pavilhões, mas, por conta da ocorrência de brigas e outros incidentes, foram todos concentrados e isolados em um único pavilhão. Há um mapeamento das celas ocupadas por homossexuais, que permanecem sob contínua vigilância. Camila Dias (2011, p. 210 e 211) explica que, no sistema carcerário paulista, integrantes do PCC patrulham as celas dos presos homossexuais e todo detento que se aproxima delas deve se justificar perante o partido. Se a explicação não for suficiente, esse detento é expulso das celas comuns e é compelido a viver entre os gays, sendo reputado como um deles. Qualquer forma de contato físico com os *outsiders* resulta no isolamento do preso agora contaminado. Os objetos utilizados para a alimentação dos presos homossexuais são marcados com um traço e vêm sempre embalados em sacos plásticos para se evitar o contato e a contaminação por parte dos outros detentos (DIAS, 2011, p. 210 e 211).

O processo de estigmatização dos presos homossexuais estrutura-se sobre construções simbólicas (fantasias coletivas de superioridade imanente dos detentos heterossexuais e inferioridade humana dos presos gays) que são objetivadas e reificadas. As etiquetas depreciativas, que são socialmente constituídas, isto é, são produzidas em meio à sociodinâmica da figuração, acabam por ser naturalizadas. É como se os homossexuais fossem naturalmente inferiores em relação à massa carcerária em geral, quando Elias (2000, p. 32) alertou que "a sociodinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e *outsiders* é determinada por sua forma de vinculação e não por qualquer característica que os grupos tenham, independentemente dela". Elias e Scotson (2000, p.35) sintetizaram esse processo referindo-se à materialização e coisificação do estigma. Essas propriedades figuracionais criam condições para que os estabelecidos monopolizem as posições e funções de prestígio da figuração: os gays são impedidos, por exemplo, de ocupar postos de trabalho importantes, como a cozinha, sendo relegados ao labor somente na lavanderia, na costura e na limpeza das celas (DIAS, 2011, p. 210). Com isso, há uma reprodução da relação de dominação entre estabelecidos e *outsiders* e a assimetria de poder conserva-se como o traço fisionômico mais evidente da figuração.

Uma segunda hipótese de análise em perspectiva histórica é a relação entre os presos políticos e os presos comuns no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985) pode ser investigada sob ótica das lutas estabelecidos/*outsiders*, conforme se pode verificar nos filmes *400 contra 1* (SOUZA, 2010) e *Quase dois irmãos* (MURAT, 2004). O grande palco dos conflituosos contatos entre essas duas categorias de presos foi o Instituto Penal Cândido Mendes, localizado na Ilha Grande, onde na década de 1970 os detentos dividiram uma mesma galeria. O primeiro fator de diferenciação entre as duas categorias de presidiários e que impactava no status dos dois grupos no interior da unidade prisional era a origem social dos detentos. Os presos políticos, orientados por postulados ideológicos de esquerda em sua militância contra a Ditadura Militar, provinham prioritariamente das classes médias enquanto os presos comuns advinham em sua maioria das classes subalternas. Essa diferença influía nos referenciais linguísticos e identitários da prisão: os filmes retratam uma reprodução do jargão marxista para identificar os presos políticos como pequeno-burgueses e os presos comuns como proletários.

Diante do insucesso dos presos políticos em politizar os demais detentos comuns, com o objetivo de formar uma massa carcerária unida e coesa para combater a Ditadura, acentuaram-se as contendas entre os dois grupos. Os presos políticos, grupo estabelecido na figuração, detinham maior poder que os demais perante o aparato burocrático do Estado responsável pelo controle e vigilância da prisão. Por essa razão, os presos políticos não gostavam de se misturar com os presos comuns. Em uma cena de *400 contra 1* (SOUZA, 2010, 45min), um dos presos políticos diz ao diretor do presídio durante uma negociação: "Ficaremos satisfeitos se formos transferidos para um presídio no continente em que sejamos tratados como presos políticos e não como marginais rastaqueras", referindo-se pejorativamente aos presos comuns. O diretor da unidade aceita as reivindicações dos presos políticos e quando provocado pelos presos comuns, que exigiram os mesmos direitos, responde de maneira a demarcar claramente a desigualdade de poder entre os grupos: "Eu não posso dar a vocês as mesmas condições que vou dar aos presos políticos [...] porque vocês são presos comuns [...] Vocês são só assaltantes de banco" (SOUZA, 2010, 45min). As oportunidades de negociação com a Ditadura Militar permaneceram monopolizadas pelos presos políticos de forma a excluir os presos comuns das oportunidades de poder da figuração, relegando-os à condição de *outsiders*. A resposta dos presos comuns foi, como mostra o filme *400 contra 1* (SOUZA, 2010), a constituição de uma facção criminoso para lutar pelos seus direitos e que anos depois se consolidaria com o nome de Comando Vermelho.

Elias (2000, p. 36) apontou que a abordagem de uma figuração estabelecidos/*outsiders* não pode tomar como estática a relação entre os grupos. O equilíbrio de poder entre eles é mutável e a anatomia da figuração pode passar por significativas metamorfoses. É possível, por exemplo, que ao longo do tempo os estabelecidos declinem à condição de *outsiders* e estes, por sua vez, ascendam à condição de grupo dominante na figuração.

O filme *Quase dois irmãos* (MURAT, 2004) é uma boa ilustração dessa natureza cambiante do equilíbrio das tensões na figuração carcerária constituída naquela quadra

histórica. Com a chegada massiva de presos comuns à unidade prisional, as antigas regras estabelecidas pelos presos políticos passam a ser cada vez mais relativizadas. Em uma das cenas, os presos políticos vão receber os novos detentos comuns que acabavam de chegar e explicar como era o sistema de votação para tomadas de decisão coletiva. Um dos presos comuns diz: “Então são vocês que mandam nessa porra? [...] Meu irmão, o caso é o seguinte, eu sou sabido, morô? Essa porra de votação é para quem tem título de eleitor, tá sabendo? Eu sou é vagabundo, matador” (MURAT, 2004, 1h00min). Os presos políticos tentam censurá-lo, dizendo que a cadeia tinha normas e que os presos comuns teriam que se sujeitar a elas, mas a cena se encerra sem um acordo entre eles. Em seguida, multiplicam-se as rixas entre os grupos e um dos presos comuns avisa ao líder dos presos políticos: “Você tem que entender, meu irmão, que as coisas estão mudando e quem não tiver esperto vai dançar, morô?” (MURAT, 2004, 1h09min), já diagnosticando que o equilíbrio de poder da figuração se alterava com a ascensão dos antigos *outsiders*.

Uma das cenas subsequentes mostra uma reunião dos presos políticos em que, sentindo-se acuados por serem minoria e por já não deterem o poder que outrora os investia no estatuto de estabelecidos, decidem pela separação física dos grupos no interior da unidade prisional. Com a alteração da sociodinâmica da figuração e depois de mais uma série de conflitos entre os detentos, os presos políticos reivindicam a construção de um muro que insulasse ambos os grupos. Com essa territorialização, a segregação que já ocorria simbolicamente no presídio torna-se visível espacialmente, demarcando uma nova etapa do processo histórico da figuração.

Uma terceira hipótese de análise se encontra no filme *O expresso da meia-noite* (PARKER, 1978), em que há outra forma de relação carcerária que pode ser compreendida à luz do modelo teórico estabelecidos/*outsiders*: estrangeiros e autóctones. O filme, baseado em fatos reais, retrata a história de Billy Hayes, um americano que é preso em flagrante na Turquia por porte ilegal de haxixe. Inicialmente, o americano é julgado em primeira instância pelo delito e condenado a quatro anos de prisão. Entretanto, em grau recursal há uma mudança na tipificação do delito de porte ilegal para contrabando, crime de maior gravidade, o que culmina na condenação de Billy Hayes à prisão perpétua. O filme se passa na prisão turca em que a personagem é encarcerada e revela um ambiente em que notadamente predominam a insalubridade e a morbidez. A figuração que os detentos formam no presídio apresenta como um de seus traços mais nítidos a exclusão dos estrangeiros, que permanecem à margem de qualquer oportunidade de poder e são relegados à condição de *outsiders*. Em uma das cenas, Billy Hayes (PARKER, 1978, 44min) descreve a prisão e menciona que os estrangeiros e os homossexuais eram designados por uma expressão turca específica que significava “sujos”, “desprezíveis”. Essa expressão servia como uma etiqueta dentro da prisão e, ao ser atribuída a determinados indivíduos, condenava-os imediatamente à situação de *outsiders*.

Billy Hayes aproxima-se de três companheiros igualmente estrangeiros: Jimmy, também americano e emocionalmente muito instável; Max, um inglês consumido por seu vício em drogas e dotado de grande perspicácia; e Erich, um

sueco que é também homossexual (agregando assim os dois principais fatores de estratificação que definiam a rede de interdependências da prisão turca). Os quatro forasteiros constituem um grupo de *outsiders* e na maioria das cenas do filme aparecem juntos, distanciados dos demais presos. Sem dominar o idioma com fluência, o que amplia simbolicamente essas formas de distanciamento dos estrangeiros, esses *outsiders* eram submetidos constantemente à brutalidade dos policiais e até de outros presos, sofrendo diversas formas de violência psíquica, tortura, espancamento e até violência sexual. Em suma, mais uma vez é possível identificar hierarquizações, desigualdades e segregações na figuração carcerária: os presos locais (turcos) marginalizam os estrangeiros ao não estabelecerem com eles vínculos mais estreitos e ao permanecerem (quase) sempre distanciados física e simbolicamente deles, para evitar a contaminação. Também aqui a fisionomia da figuração encontra na desigualdade dos gradientes de poder e na segregação de um grupo pelo outro algumas de suas características constitutivas mais fundamentais.

O que fizemos nas linhas acima foi identificar diferentes pares de grupos (massa carcerária e presos homossexuais; presos políticos e presos comuns; presos autóctones e presos estrangeiros) constituídos no interior dos presídios e que se relacionam a partir de amplos diferenciais de poder, formando assim uma figuração de tipo estabelecidos/*outsiders*. Partindo de outras perspectivas, seria possível pensar em diversas outras divisões na população carcerária que apresentam discrepâncias nos gradientes de poder e que podem ser lidas a partir do modelo teórico-metodológico eliasiano que temos aqui explorado. Obviamente não esgotamos os possíveis focos de análise³² ao trabalhar as três modalidades relacionais acima. Antes, utilizando os filmes como suporte empírico, apenas identificamos as formas de hierarquização e desigualdade a que Elías se referiu.

Evidentemente, o modelo teórico estabelecidos/*outsiders* envolve propriedades analíticas de alta complexidade, a exemplo das construções psicogênicas dos *outsiders* fundadas na incorporação das estigmatizações depreciativas produzidas pelos estabelecidos, que não puderam ser captadas pelo cinema. A captura dessas particularidades, que exigem um notável refinamento analítico, demanda, como exaustivamente indicamos no segundo capítulo deste artigo, um acurado trabalho

³² Uma outra possibilidade de análise carcerária a partir do modelo estabelecidos/*outsiders* é o livro *Memórias da casa dos mortos*, de Fiódor Dostoiévski (2012). O romance, inspirado no período de aproximadamente quatro anos que o literato russo passou encarcerado na Sibéria, relata com riqueza de detalhes o dia a dia dos detentos na prisão, permitindo perceber a rede de relações constituídas no interior do presídio como uma figuração social. É interessante notar como a origem social dos presidiários influía sobre as divisões funcionais e distribuições de poder no interior da figuração. Os detentos provenientes da nobreza russa, como a personagem principal Alieksandr Pietróvitch, em minoria no presídio, eram marginalizados, segregados e hostilizados pelos presos advindos das classes subalternas, configurando uma típica relação fundada na clivagem estabelecidos/*outsiders*.

etnográfico e uma criteriosa pesquisa de campo. Todavia, como nos ocupamos aqui de um artigo teórico-metodológico, em que nossa pretensão com os filmes era apenas indicar hipóteses potencialmente analisáveis a partir do modelo eliasiano, a seleção de cenas que ilustram as construções teóricas formuladas no capítulo primeiro mostrou-se uma estratégia metodológica para cumprir os objetivos que elencamos no início deste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste artigo apontar a sociologia figuracional de Norbert Elias como um instrumento teórico-metodológico apto à análise do sistema carcerário em perspectiva microscópica, de modo a complementar o olhar macrosociológico como o das abordagens de tradição marxista acerca do fenômeno do encarceramento em massa. Ao focalizar as teias de inter-relações e a rede de interdependências que os indivíduos encarcerados formam entre si, a abordagem eliasiana permite captar a sociodinâmica das figurações carcerárias, desvendando como se estruturam as relações de poder no interior dos presídios, como vai se desenhando o equilíbrio móvel das tensões, quais os novos padrões de socialização que emergem no interior das prisões e como se constituem os grupos nessa lógica relacional específica.

Frente à desumanização e à atomização impostas pelo Estado através do encarceramento, os detentos buscam formas de associação que lhes servem como verdadeiras táticas de sobrevivência no interior das prisões. As facções criminosas, os grupos religiosos e outras formas organizacionais similares servem de antídoto ao processo de anulação progressiva das identidades provocadas pelo aprisionamento e servem como estratégias de luta dentro dos presídios, tornando insuficientes as análises economicistas do sistema prisional. Os nós da rede de interdependências formada no cárcere são atados em torno do objetivo comum de sobreviver.

O modelo teórico de Elias mostra que, mesmo em grupos à primeira vista homogêneos, como a população carcerária, é possível e provável a produção de diferenciações e de hierarquias que resultam em uma estrutura figuracional estratificada. Essas formações coletivas marcadas por uma ampla desigualdade nas formas de distribuição e apropriação das oportunidades de poder originam uma sociodinâmica com traços específicos e regulares, que podem ser estudados a partir do modelo teórico que Elias denominou “estabelecidos/outsiders”. Utilizamos o cinema para mostrar algumas hipóteses de organizações internas dos presídios que obedecem a essa lógica relacional fundada na desigualdade de poder entre grupos e com o objetivo de indicar como deve ser feita a aplicação do modelo teórico eliasiano.

Finalmente, diante da ressonância e do impacto da problemática carcerária nos mais variados campos sociais, é preciso pensar em instrumentos analíticos variados que permitam compreender com precisão essa realidade prisional em todas as suas dimensões constitutivas. Nesse quadro, o exame detido dos pressupostos teóricos e metodológicos da sociologia figuracional de Norbert Elias indica que o modelo estabelecidos/outsiders aparece como uma alternativa viável para que se atinja tal objetivo.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BATISTA, Nilo. **Punidos e mal pagos**: violência, justiça, segurança pública e direitos humanos no Brasil de hoje. Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. 1.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- _____. Loïc Wacquant e a questão penal no capitalismo neoliberal. Rio de Janeiro: Revan, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Thiago Fabres de. **Criminologia, (in)visibilidade, reconhecimento**: O controle penal da subcidadania no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014.
- DIAS, Camila Caldeira. **Da pulverização ao monopólio da violência**: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-13062012-164151/pt-br.php>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Memórias da casa dos mortos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Edições 70, 1991.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, v.2.
- _____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v. 1.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.
- _____. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.
- _____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. **Escritos & ensaios 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FUKUNAGA, Cary Joji. **Sin nombre** (longa metragem). Cidade do México: Creando Films, 2009 (96min).

GEBARA, Ademir. **Conversas sobre Norbert Elias**: Depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba: Biscalchin, 2005.

GIORGI, Alessandro di. **A miséria governada através do sistema penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru: EDUSC, 2001.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. História e sociologia: a contribuição de Norbert

Elias. **História e cultura**, Franca, v.3, n.3 (Especial), p.53-65, dez. 2014.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985.

MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica**: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Tradução Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

MURAT, Lúcia. **Quase dois irmãos** (longa metragem). Rio de Janeiro: Taiga Filmes, 2004 (102min).

PARKER, Alan. **O expresso da meia-noite** (longa metragem). Califórnia: Sony Pictures, 1978 (121min).

POVEDA, Christian. **La vida loca** (longa metragem). França, 2008 (90min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T2B-R3XNBLU>>

QUINTANEIRO, Tânia. **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, Humberto. **Encarceramento em massa e criminalização da pobreza no Espírito Santo**: as políticas penitenciárias e de segurança pública do governo de Paulo Hartung (2003-2010). Vitória: Cousa, 2012.

REZENDE, Sérgio. **Salve geral** (longa metragem). Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2009 (119min).

SACRAMENTO, Paulo. **O prisioneiro da grade de ferro** (longa metragem). São Paulo: Imovision, 2003 (123min).

SOUZA, Caco. **400 contra 1** (longa metragem). São Paulo: Destiny International, 2010 (97min).

TURNER, Bryan. **Status**. Lisboa: Estampa, 1989.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Punir os pobres**: A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2ª ed. Col. Pensamento Criminológico. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

_____. **As duas faces do Gueto**. 1. ed. São Paulo. Boitempo, 2008.